

ENERGIA: CATEGORIA DE MEDIAÇÃO ENTRE A CIÊNCIA E A RELIGIÃO

Leila Marrach Basto de Albuquerque¹

Resumo: Nos últimos 50 anos os campos da saúde e da religião vêm apresentando intersecções originais marcadas por sistemas de pensamento vitalistas que organizam e conferem sentido às experiências com o corpo e com a alma. O vitalismo pressupõe a existência de uma força vital que atua sobre a matéria organizada e que explica a vida. Suas noções de sujeito e de realidade vinculam o ser humano ao ambiente, concebem a natureza como viva, animada, protetora e portadora de poderes, articulando a experiência individual ao cosmo, o homem ao ambiente. A noção de energia presente nas terapias alternativas e nas novas espiritualidades condensa as principais teses do vitalismo. Este fenômeno é fruto de um processo histórico aberto pelos movimentos contraculturais e pela experiência pós-colonial do pós-guerra que avança nas sociedades ocidentais da alta modernidade, com repercussões em instituições do ensino e da prática do campo da saúde. Porém, é preciso lembrar de que concepções vitalistas também estão presentes em expressões do campo religioso e da saúde ao longo da história, como é o caso da homeopatia, desde o século XVIII, e do espiritismo no século XIX. Assim, discuto neste estudo os resultados de uma pesquisa sobre a noção de energia e o seu trânsito entre a ciência e a religião, tomando exemplos de terapias e religiosidade em diferentes momentos históricos da modernidade, com base em fontes primárias escritas bem como em revisão da literatura sociológica voltada para o campo da saúde, da ciência e da religião. Argumento que a ideia de energia comporta características que permitem estabelecer mediações entre a ciência e a religião desde a revolução científica, favorecendo negociações de sentido em ambos, conferindo prestígio e plausibilidade às suas narrativas.

Palavras-chave: vitalismo, energia, terapias alternativas, religiosidades.

[...] a vida é carregada de muitas forças que não cabem dentro de um só corpo.
(Luis Antonio Baptista – A Cidade dos Sábios)

Introdução

Os Novos Movimentos Religiosos (NMRs) e as terapias alternativas têm sido meus objetos de estudo mais frequentes, do ponto de vista de uma Sociologia do Conhecimento que compreende também a ciência. Em ambos, pude perceber com importante regularidade, a presença da noção de energia. Ora, a noção de energia é própria tanto do campo da ciência como de cosmovisões pré-científicas. Neste último caso, faz parte de sistemas de pensamento vitalistas, próprios de sociedades agrárias com forte componente religioso. No presente estudo, apresento alguns exemplos de terapias e religiosidades da contemporaneidade, com

¹ Licenciada em Ciências Sociais, mestre e doutora em Sociologia, docente e pesquisadora da UNESP – Rio Claro e líder do Núcleo de Estudos Corpo e Sociedade – UNESP/CNPq.

diferentes níveis de institucionalização e nas quais a ideia de energia organiza e confere sentido às experiências com o corpo e com a alma. Trabalho com as noções de sujeito e de realidade que definem os atributos do observador mobilizados e os aspectos da realidade selecionados na construção de conhecimentos.

Para Keshet (2010), que estudou terapias alternativas, o termo energia hibridiza distintas categorias de conhecimento, pois é concebida como espírito e ao mesmo tempo matéria, habitando tanto no campo religioso como no científico. Já Tsushima (1979), quando analisou os NMRs no Japão, encontrou neles um substrato vitalista. Assim, trabalhei com a hipótese de que a permanência de concepções vitalistas na modernidade favoreceria a ressignificação de noções científicas pelas religiões e permitiria a adoção de noções religiosas por sistemas terapêuticos.

Energia, energias

O vitalismo pressupõe a existência de uma força vital que atua sobre a matéria organizada e explica a vida. Suas noções de sujeito e de realidade vinculam o ser humano ao ambiente, concebem a natureza como viva, animada, protetora e portadora de poderes, articulando a experiência individual ao cosmo e o homem ao ambiente. Este modelo espera expressar o estado de natureza dos seres vivos e inclui categorias de entendimento como participação, espontaneidade, imprecisão e sopro vital que anima a todas as coisas. Aliás, já se tornou senso-comum nas Ciências Sociais descrever a ideia de energia como uma categoria-chave no âmbito da cultura da Nova Era. Foi Soares (1994), em artigo considerado clássico entre os estudiosos dos NMRs, quem chamou a atenção para a importância desta noção nos movimentos sociais voltados para o ambientalismo, para as terapias alternativas e para as religiões orientais do final do século XX.

Assim, a ideia de energia favorece uma concepção totalizante – dita holística - da realidade que, no contexto dos movimentos sociais dos anos de 1960, assume o sentido de uma resistência ou denúncia dos limites do pensamento racional da modernidade laica. A este modelo corresponde também a ideia de participação ou pertencimento, como sentimento de comunhão cósmica. Curioso é observar que esta concepção da realidade está migrando para setores intelectualizados das sociedades ocidentais na forma de novos paradigmas, ciência da complexidade e auto-organização, com propósitos semelhantes aos dos movimentos sociais - denúncia dos limites e consequentes custos do projeto modernizador -, porém, em linguagem especializada. São físicos, biólogos, sociólogos e teólogos que, procurando desempenhar o papel de filósofos da ciência, ensaiam epistemologias alternativas à ciência moderna com certa

inclinação milenarista. Em suas mãos o holismo ganha a legitimidade das coisas acadêmicas e talvez perca um pouco das funções transgressoras que exercia nos movimentos sociais dos anos 60 do século passado.

Além disso, um passeio pela história do pensamento ocidental mostra a presença de noções vitalistas em vários sistemas de pensamento. Vejamos alguns exemplos.

Diante do funcionamento organizado do ser vivo, da complexidade, diversidade e singularidade dos comportamentos da matéria, Bergson (1932) concebe a intervenção de um *elan* vital como energia criadora. Cem anos antes, na França pré-revolucionária, Mesmer, médico, concebe todo o universo imerso em um fluído ultrafino que seria responsável pela gravitação dos astros, mas também pelo calor, luz, eletricidade e magnetismo do mundo (Darnton, 1988). Este fluido reaparece nos experimentos de Kardec, na França, agora no auge do positivismo, para dar conta da atuação dos espíritos dos mortos no mundo dos vivos e, então, o termo mesmerizar passa a fazer parte do vocabulário kardecista (Kardec, 1998). Enfim, Mesmer, pai do magnetismo animal é um dos pontos de referência dos energetismos na composição de medicinas paralelas, naturais, espirituais, psicológicas, etc.

A *naturphilosophie*, movimento romântico que influenciou as ciências do ser vivo na Alemanha do século XIX, tinha como tema central a eterna unidade entre o homem e a natureza em harmonia com os ritmos vitais do mundo. Este movimento, porém, derivou de outro do século XVIII – Tempestade e Ímpeto (numa tradução muito literal) –, que pretendia substituir a racionalidade clássica pelos sentimentos tempestuosos e os ímpetos apaixonados do coração. (Acot, 2001). Pode-se encontrar nesta proposta as concepções de natureza que vão inspirar, no século XX, o ambientalismo e o movimento ecológico.

A Estética da Espontaneidade, movimento de vanguarda artística que ocorreu nos Estados Unidos no período da Segunda Guerra Mundial, apresenta reivindicações parecidas. Pintores, escritores, dançarinos, músicos e outros artistas uniram-se em torno do compromisso com a composição espontânea, contra o controle burocrático e contra a racionalização da atitude mental. Os principais caminhos propostos para a improvisação espontânea foram a defesa da intersubjetividade e um novo humanismo, o qual vê o ser humano como corpo-mente unificados, situados dentro de campos de energia (Belgrad, 1998), isto é, concebe-se a realidade como portadora de forças vitais, energias, regida por uma dinâmica própria, irreduzíveis às coisas e objetos inanimados da racionalidade científica. Enfim, de modo figurado, é possível resumir estes poucos exemplos como expressões dos embates arquetípicos entre Apolo e Dionísio¹.

Nestes movimentos, o imaginário floresce e põe em circulação categorias como, fluxo, energia, magnetismo e *élan* vital, que expressam um vitalismo responsável por funções agregativas, equilibradoras e harmonizadoras do mundo, distantes dos referenciais mais amplos da racionalidade moderna.

Já na ciência moderna, a definição formal de energia vem relacionada à ideia de trabalho, isto é, a capacidade de um sistema realizar alguma tarefa. Explicam Halliday et. al. (2008, p. 153):

Energia é um número que associamos a um sistema de um ou mais objetos. Se uma força muda um dos objetos, fazendo-o entrar em movimento, por exemplo, o número que descreve a energia do sistema varia. [...] a energia pode ser transformada de uma forma para outra e transferida de um objeto para outro, mas a quantidade total é sempre a mesma (a energia é *conservada*).

Destaco que nesta noção não se observa qualquer conexão entre o homem e o cosmo. Aliás, a condição para produção de conhecimento na ciência moderna exige a rígida separação entre observador e objeto observado, que por sua vez deriva da separação entre o homem e a natureza, para dizer de maneira simples e resumida. Ainda de maneira simples e resumida, este processo responde a um método que opera uma purificação tanto no sujeito como na realidade, dessubjetivando o sujeito e colhendo da realidade fenômenos que apresentam regularidade. Esses imperativos da ciência visam a obter resultados universais, neutros e objetivos em direção às leis que regem a realidade. Assim, a concepção científica de energia está fortemente presa às noções de sujeito e de realidade distantes das concepções vitalistas, que vinculam o homem ao cosmo; pelo contrário, diante da ciência moderna, os postulados do pensamento vitalista se mostram vagos, nebulosos e informulados.

Terapias alternativas e NMR

Sabe-se que as noções de saúde e salvação aparecem entremeadas em diferentes culturas, tanto do Oriente como do Ocidente. A presença, na alta modernidade, de concepções vitalistas em terapias e em movimentos religiosos com propostas terapêuticas é fruto de um processo histórico aberto pelos movimentos contraculturais e, também, pela experiência pós-colonial do pós-guerra que avança nas sociedades ocidentais da Alta Modernidade com repercussões em instituições do ensino e da prática do campo da saúde.

Assim, de início, é preciso identificar os diferentes aspectos deste processo. Acredito que a própria nomenclatura que o movimento alternativo adotou ao longo da sua história, o chamado conceito nativo, oferece uma pista segura para a sua compreensão na contemporaneidade. A terminologia que foi sendo criada para designar essas terapias, genericamente chamadas de alternativas, ilustra faces do processo histórico da sua inserção no campo da saúde e seu diálogo com a biomedicina e a ciência em geral, o que é importante resgatar para os objetivos deste estudo. Assim, compreendo que a expressão *alternativa* remete a sua origem nos movimentos sociais dos anos 60, críticos aos procedimentos da biomedicina baseados na ciência moderna e em busca de outros modelos explicativos para as gestões do corpo. Esses movimentos abraçaram outras causas também, como o ambientalismo e um certo holismo em relação ao dualismo corpo–mente que muitas vezes se associam às questões próprias dessas terapias. Já os termos *complementares, paralelas e integrativas* apontam para a negociação dessas terapias com o modelo da biomedicina, ora justificando a sua apropriação pelo campo da saúde, ora definindo seu caráter secundário em relação aos saberes médicos. E, finalmente, a designação de *brandas* ou *doces* reivindica uma outra lógica do diagnóstico e do tratamento em direção a sistemas de pensamento fora do âmbito da biomedicina. Claro, este termo também carrega uma crítica aos procedimentos desta última, calcada nas ciências duras e até mesmo na possibilidade de outros vínculos entre terapeuta e paciente, distantes da impessoalidade do campo médicoⁱⁱ. Neste estudo, vou designar todas essas expressões de terapias energéticas.

É importante ressaltar, ademais, que essas terminologias são intercambiáveis e negociáveis em situações diversas do mercado de bens da saúde, e o conjunto das suas características compõe o substrato ideológico dessas práticas terapêuticas. Deste ponto de vista é possível perceber as estratégias para o estabelecimento, nem sempre consensuais, de tais terapias no conjunto da sociedade ocidental. De um modo geral, destaca-se nesse estudo, o caráter contra-hegemônico dessas expressões terapêuticas como ponto de partida para a busca de outras gestões do corpo.

Do mesmo modo, defino os novos movimentos religiosos (doravante NMRs) como formas religiosas surgidas no século XX, sobretudo no Pós-guerra, em resposta à crise institucional das religiões tradicionais. Embora muitos desses movimentos não sejam novos e derivem do século XIX ou até de períodos mais remotos, o conjunto deles responde a inquietações próprias de um certo período da modernidade. Guerriero (2006) estende esses fenômenos a expressões religiosas do século XIX inspirado nos conceitos de seita e culto. Inegavelmente, os NMR guardam muitas similaridades com os tipos ideais de Troeltsch (1961)

e Wilson (1970). Mas são sempre respostas a crises específicas, e isso marca fortemente a feição com que se apresentam na história. Nos casos em que trato aqui, são religiosidades sincréticas com diferentes graus de institucionalização, que agregam componentes de diferentes tradições, incluindo elementos advindos da ciência e da filosofia e, no ocidente, muitos são responsáveis pela orientalização do universo religioso. Os NMRs fornecem autonomia aos seguidores e intimidade com as forças divinas através de técnicas como meditações, direcionamento do pensamento, orações e um novo estilo de vida. Esses aspectos carregam consigo concepções de saúde e de doença provenientes de medicinas tradicionais, que ora combinam ora rejeitam a biomedicina.

Energia em campo/o campo da energia

É preciso lembrar que concepções vitalistas também estão presentes em expressões do campo religioso e da saúde em outros momentos históricos, como é o caso da homeopatia, desde o século XVIII, e do espiritismo no século XIX.

Assim, apresento aqui os resultados de alguns estudos sobre a noção de energia e a sua presença em terapias e religiosidade de diferentes expressões e em diferentes momentos históricos da modernidade. São eles: Terapias Energéticas, (a partir de dados coletados em folderes, material promocional e jornaisⁱⁱⁱ voltados para as terapias fora do escopo da biomedicina, no período de 2009 a 2013), Homeopatia, Seicho-no-ie e Espiritismo Kardecista.

No caso do primeiro conjunto de dados, a forte presença do termo energia e processos de energização em narrativas de teor terapêutico misturam o campo religioso e o científico. O Instituto de Pesquisa da Energia Cósmica Aplicada (*Instituto di Ricerca sull'Energia Cosmica Applicata* – IRECA), sediado em Roma, Itália, divulga no seu folder: “Quando os centros energéticos são ativados, geram uma troca direta entre os seres humanos e o Universo e nos tornamos capazes de conectar facilmente com a Energia Cósmica”(IRECA, s/d). Ou no artigo *A radiestesia auxiliando no despertar da consciência*: “Quando se avalia um indivíduo na sua plenitude, chega-se primariamente em três resultados: quantidade de energia elétrica, qualidade da energia emocional e frequência energética espiritual” (Coimbra Jr., 2011, p.4). No caso da quiropraxia, Kenisho Shioda (2010, p.5) explica que a prática da energização quiroprática permitiria a captação de energias do Universo que geram equilíbrio e harmonia entre o corpo, a mente e o espírito, como formas de prevenção de doenças.

Além disso, as inúmeras terapias frequentemente entendem as doenças condicionadas pela disposição psíquica, estados da alma, valendo-se de vocabulário próprio do campo psi,

como no depoimento de uma participante da prática *Nexus Therapy – Alinhamento emocional em 21 dias*:

Aprendemos a nos conectar novamente com nossa essência e com nossos guias espirituais no Universo. A partir de vivências de relaxamento, nas quais damos voz à nossa mente subconsciente, entramos em contato com as emoções que ficaram gravadas nas nossas células e passamos por um processo de esvaziamento, de ‘limpeza’, para podermos preencher o nosso corpo, a nossa mente e o nosso espírito com uma nova visão de mundo e de valores. Atuando como criadores da nossa vida emocional, nos conectamos com o divino e direcionamos nossos atos e pensamentos ao amor e ao crescimento espiritual (Lucas, 2009, p.5).

A ciência moderna e, especificamente, o campo da biomedicina recebem tratamento ambíguo. De modo geral, as essas propostas terapêuticas têm como ponto de partida uma crítica aos diversos aspectos da medicina cientificizada, como a sua extrema especialização, o abuso das tecnologias, dos laboratórios e a consequente distância entre médico e paciente. Assim, o Editorial do *Jornal Alternativo*, (n. 76, 2010, p.2) indaga “é preciso fazer faculdade para ser feliz? Algum curso superior garante sucesso profissional? Então, para que servem as faculdades?” Porém, um dos cursos propostos no IRECA – Instituto de Pesquisa de Energia Cósmica Aplicada (em Roma, Itália) (s/d) pretende ensinar *Limpeza da negatividade acumulada na Memória Celular*. Ou ainda um artigo sobre o aparelho Quantec informa tratar-se de um “dispositivo que lê o campo energético do paciente e cruza essa informação com uma base de dados próprios [...] e permite ativar a cura à distância, por combinações quânticas, vibrando na frequência da pessoa enferma” (Areias; Buengner, 2011, p.7). O apelo à imagem da célula e de noções da Física confere a essas terapias as garantias da ciência, transferindo o capital intelectual de campos científicos consagrados para o universo alternativo.

A crítica à ciência moderna tem como contraponto a proposta de um conhecimento integrado, holista, que envolva todas as dimensões do ser humano em harmonia com a natureza. Este seria um legado de concepções vitalistas, próprias das fontes de conhecimento que alimentam as terapias energéticas e de forte inspiração religiosa e mágica. Seria um estado superior de conhecimento além dos limites das disciplinas científicas e da oposição entre ciência e religião. Esse esforço busca resgatar um estado de natureza primordial, perdido devido aos custos da modernidade. No jornal Instituto Avalon, as clínicas convidam para terapias com propostas como a que segue: “Faça um retorno à natureza, faça uso das terapias naturais, tenha mais saúde, mais consciência, mais alegria, mais qualidade de vida, sinta-se mais completo, integrado à natureza e sua infinita fonte de energia” (Alves, 2009, p. 1). E também anuncia: “O Instituto Avalon é uma organização [...] voltada para a divulgação, educação, aplicação e pesquisa [...] considerando a integração harmoniosa entre as diversas entidades

(mente, emoção, energia vital e físico) que compõem o ser humano e o meio ambiente.” (2009, p.1).

Também o modelo explicativo que informa a homeopatia está centrado na existência de uma força vital que permeia tanto o homem como a natureza, e é do comportamento desta energia ou força vital que dependem a saúde e a doença. Impossível de ser vista, cheirada ou apalpada, a energia em si não oferece disponibilidade empírica, a não ser pelas suas manifestações físicas, psicológicas e comportamentais nos seres vivos. O mesmo pode-se dizer da doença. Devido a esse seu caráter oculto, a energia vital foi, algumas vezes, representada por Hahnemann, fundador desta medicina em 1779, como a alma humana ou como a ação de Deus no mundo.

Por essas características, o médico homeopata desempenha papel de decifrador de sintomas, reunindo informações claras e precisas ao lado de pormenores, detalhes subjetivos e até resíduos insignificantes, no esforço de atingir a particularidade do doente. Neste processo não há, obviamente, uma classificação hierárquica de informações relevantes ou irrelevantes, formais ou informais, objetivas ou subjetivas: tudo faz parte e é importante para compor a totalidade da individualidade e, assim, identificar a patologia.

É, portanto, a concepção de energia ou força vital que põe o homem na natureza. Ou, de outro modo, por fazer parte da natureza, o homem pode desfrutar da energia vital. Como teoria do homem e do mundo, a homeopatia, enquanto expressão do vitalismo, faz do homem um participante da natureza, porém, um participante por inteiro, condição para compreender e agir sobre as coisas, diferentemente do sujeito epistêmico cartesiano, cindido entre *res-cogitans* e *res-extensa*. Uma ação solidária à natureza, distante da fabricação do mundo ditada pela objetividade científica. Há, portanto, nessa concepção, uma confiança otimista nas coisas viventes, todas elas imersas numa natureza generosa, fornecedora dos medicamentos.

O corpo doutrinário da Seicho-no-ie gira em torno da concepção de *Jissô*, expressão de uma energia espiritual. Através do *Jissô*, o homem participa ou é portador da divindade, um atributo que está além da aparência, disponível só nas dimensões espirituais. Assim, cabe ao homem desvendar sua natureza divina através de uma reorientação mental dos seus pensamentos. Este processo lhe forneceria poderes para conduzir sua vida na direção desejada.

As diferentes fontes de conhecimento que compõem o quadro doutrinário construído por Tanigushi são reinterpretadas dentro desta matriz vitalista, liberando o adepto das amarras adquiridas com noções de carma, destino e pecado. Além disso, concepções científicas,

pedagógicas e psicanalíticas são mobilizadas, fora do seu contexto de origem, para conferir sentido à noção de *Jissô* numa sociedade que valoriza a ciência. Por exemplo:

Graças ao desenvolvimento das ciências físicas, estamos começando a entender que a verdadeira natureza da matéria não é, em absoluto, uma massa sólida que possui um volume determinado, mas sim uma 'energia possuidora de inteligência' que apresenta variadas figuras. Portanto a matéria se apresenta sob variadas formas, conforme essa 'energia que possui inteligência', à qual chamamos 'Espírito'. Por isso, ao olharmos para todas as coisas devemos ver não só a sua forma, ou a aparência, como também o seu *Jissô* ou sua verdadeira natureza, através dos olhos do espírito. (Tanigushi, 1972, p. 49).

Com os recursos do agradecimento, do pensamento dirigido para as coisas positivas e de orações, bem como das aulas, cursos, seminários e da bibliografia que a Seicho-no-ie oferece, o adepto procede a uma reeducação de si que lhe confere autonomia para buscar a salvação. Salvação esta, identificada na realização das metas socialmente louváveis da sua sociedade: saúde, harmonia familiar e prosperidade econômica.

Passes, preces e receitas de chás medicamentosos ou de fórmulas mais especializadas compõem os procedimentos de cura no Espiritismo, aconselhados pelos médiuns curadores que seriam pessoas dotadas de poderes especiais para comunicação com os espíritos. Como já expliquei em outro momento (Albuquerque, 2013, p. 2312):

O passe baseia-se no pressuposto da existência de um fluido universal que permeia tanto o corpo carnal como o perispírito, com fortes poderes curadores, desde que transmitido adequadamente. Com essas ideias, o espiritismo espera codificar as leis mais abrangentes do mundo invisível apresentando suas ideias através de uma retórica científica.

Na verdade, os espíritas têm uma concepção triunfalista de ciência, que promete uma vida melhor com o controle das forças da natureza. (Não seria ocioso lembrar que Kardec realizava experimentos!). Assim, entre os espíritas, a ideia de energia está próxima do modelo vitalista, muito presente no cenário intelectual europeu até o século XIX. (Albuquerque, 2013, p. 2314).

Enfim, os exemplos antes apresentados consideram que os processos da vida dependem de forças e energias distintas das regidas pelas leis do mundo físico e químico, próprias do mecanicismo materialista.

Como síntese das categorias de entendimento anteriores, o sujeito das terapias energéticas e dos NMR é um ser humano cósmico, habitante do universo, que procura integrar-se com as suas fontes de energia através de saberes autênticos e ancestrais e recuperar um estado de natureza primordial. Sua posição no mundo mostra uma relação ambígua com a história, pois ao mesmo tempo em que se considera vítima dos custos humanos e existenciais

da modernidade, ignora as determinações culturais e sociais e as consequentes dimensões coletivas do viver em sociedade. Assim, ele identifica a origem dos males e busca a cura privilegiando as dimensões psicológicas e individuais, através das quais construiria uma vida harmoniosa. A ambiguidade mencionada se expressa também na relação oportunista com as fontes de conhecimento modernas, como a ciência e a biomedicina, sabendo valer-se delas para angariar legitimidade para suas práticas, borrando as fronteiras entre esses campos e produzindo categorias de entendimento híbridas. Do ponto de vista epistemológico, são noções de sujeito e de realidade inovadoras, que expressam o mal estar da modernidade e que nada têm em comum com a obrigatória ruptura epistemológica do método científico.

As terapias energéticas expressam uma representação de corpos – corporeidade – própria. Tais corpos são concebidos como enriquecidos de energias renovadoras disponíveis no universo, na natureza ou no amplo cosmo e que estão disponíveis para todos, pois todos somos partes dessas totalidades ou podemos vir a ser ao nos auto conhecermos por meio de saberes ancestrais. Neste processo, encontra-se a salvação.

Assim, pela noção de energia, o vitalismo se expressa em terapias e religiosidades. Nelas, o homem é inserido e sente-se parte de uma totalidade mais abrangente: no caso da homeopatia: da natureza generosa e no caso da Seicho-no-ie: da divindade poderosa. Nesta condição, desfrutam das forças equilibradoras e harmonizadoras propiciadas, num caso, pela energia vital de uma *natura medicatrix* e, no outro, pelo *Jissô* no aqui/agora deste mundo.

A participação na natureza e na divindade, pelas energias vitais e espirituais, produzem atitudes confiantes diante da saúde e da doença, da riqueza e da pobreza. Este talvez seja o núcleo duro do vitalismo: as funções agregadoras que ele põe em movimento e que estimulam atitudes confiantes e otimismo nas pessoas. Estes modelos têm também suas consequências para o corpo e a alma e para definição do homem no mundo.

No caso da homeopatia, os indivíduos são vistos na sua totalidade, na interação entre corpo e mente, na produção da saúde e da doença. São corpos em comunhão com a natureza, como microcosmos na constante busca de equilíbrio com o recurso de energias harmonizadoras. Porém, são corpos individualizados e, por isso ocultam e mantêm certa opacidade acerca das suas particularidades. São desvendados não por aquilo que têm em comum com outros corpos, mas aquilo que têm de próprios e característicos, suas qualidades. Neste modelo, a posição do homem no mundo pode ser definida como de comunhão cósmica e de extrema solidariedade para com a natureza.

No caso da Seicho-no-ie, as capacidades mentais dos seus seguidores são responsáveis pelas condições do seu corpo, na produção da saúde e da doença, bem como pela sua salvação

neste mundo. Nesta doutrina, também há dimensões obscurecidas pela ignorância dos atributos espirituais dos homens. A realidade consciente e ilusória da matéria impediria o reconhecimento da sua imensa capacidade inconsciente de realizar seus desejos. O despertar da mente para a verdadeira realidade espiritual humana mobilizaria suas energias divinas na obtenção dos seus objetivos e na solução dos seus problemas. Assim, neste modelo, a posição do homem no mundo pode ser definida como de comunhão com a divindade e de extrema cumplicidade para com as metas socialmente vigentes, onde encontraria a salvação.

Considerações finais ou “a vitalidade do vitalismo”^{iv}

Este estudo procurou explorar a noção de energia, como é corriqueiramente utilizada no contexto das terapias energéticas, dos NMRs, tomando como exemplo a Seicho-no-ie, o Espiritismo e a Homeopatia, focalizando os seus pressupostos epistemológicos.

As noções de sujeito e de realidade identificadas mostraram que a categoria energia mobiliza recursos espirituais, subjetivos, qualitativos, individualizantes e requer intimidade com a realidade a ser conhecida. Galileu diria que são qualidades secundárias. Estas, por sua vez, não têm completa disponibilidade empírica, são identificadas por seus efeitos nos corpos ou no destino das pessoas e não se submetem às leis da matéria.

Com essas características, são modelos explicativos com racionalidades próprias, irreduzíveis à racionalidade científica. Lidam com aspectos da realidade e atributos do sujeito desprezados pelo materialismo científico. Seriam, portanto, expressões de resistência às definições de homem e de mundo propostas pela ciência moderna. São práticas paralelas de cuidados da saúde e da doença, do corpo e da alma, que não têm pudor de combinar conteúdos da ciência e da religião, subvertendo a ambas. Além disso, a força, na contemporaneidade, da homeopatia, concebida no século XVIII, ao lado de religiões e terapias construídas recentemente e do espiritismo, que data do século XIX, indica que a noção de energia, com as nuances específicas de cada caso, é mais que uma mera sobrevivência de tempos passados. É como se cada um dos exemplos apresentados neste estudo resistisse aos esforços modernos de abolir as qualidades e de desencantar o mundo, revelando, cada um deles, os modos de ser do vitalismo.

Ao romper com as fronteiras entre ciência e religião, a noção de energia carrega o seu capital explicativo de um para outro campo, preenche lacunas de sentido de ambos os lados e, além disso, confere prestígio e plausibilidade as suas narrativas. Enfim, a presença da categoria energia ou suas equivalentes em diferentes terapias energéticas, movimentos religiosos,

procedimentos de autoajuda e novos paradigmas científicos, convida a considerar o vitalismo como uma variável importante na modernidade, ou seja, a sua vitalidade.

Referências

ACOT, P. **História das ciências**. Lisboa: Edições 70, 2001.

ALVES, S. R. Terapias naturais, respeito à sua natureza. **Instituto Avalon**, ano 3, n. 1, p. 1, mar. abr. maio, jun. 2009.

AREIAS, S.; BUENGNER, P. Von. Radiônica: a ciência e a tecnologia a favor da saúde. **Jornal O Legado**, ano 9, n.99, mar., p. 7, 2011.

ALBUQUERQUE, L. M. B. Religião e ciência entre kardecistas e messiânicos. In: Simpósio Sudeste da ABHR e Simpósio Internacional da ABHR - Diversidades e (In)tolerâncias Religiosas, 2013, São Paulo - SP. **Anais**, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. v. 1. p. 2302-2317.

BAPTISTA, L. A. **A cidade dos sábios**. São Paulo: Summus, 1999.

BELGRAD, D. **The Culture of Spontaneity**. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

BERGSON, H. **Les deux sources de la morale et de la religion**. Paris: Félix Alcan, 1932.

CANGUILHEM, G. **La connaissance de la vie**. Paris: J. Vrin, 1985.

COIMBRA Jr., O. A Radiestesia auxiliando no despertar da consciência. **Jornal O Legado**, ano 9, n.101, p. 4, maio, 2009.

DARNTON, R. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

GUERRIEIRO, S. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2006.

HALLIDAY, D. et. al. **Fundamentos de Física**, volume I: mecânica. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

IRECA. Curso de ativação dos centros de energia. (Folder). São Paulo: s/d.

EDITORIAL. **Jornal Alternativo**, ano 11, n. 76, p. 2, 2010.

KARDEC, A. **Obras Póstumas**. São Paulo: LAKE, 1998.

KESHET, Hybrid knowledge and research on the efficacy of alternative complementary medicine treatments. **Social Epistemology**, v. 24, n. 4, October – December 2010, p. 331 – 347.

LUCAS, S. Alinhamento emocional em 21 dias. **Jornal Alternativo**, ano 10, n. 66, p. 5, 2009.

LURKER, M. **Dicionário dos deuses e demônios**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SHIODA, K. Transmissão de energia para melhorar e recuperar a saúde - “Energização e Quiroprática”. **Jornal O Legado**, ano 8, n. 88, p. 5, abril, 2010

SOARES, L. E. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: _____. **O rigor da indisciplina: ensaios de Antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

TANIGUSHI, M. Fitemos o Jissô das coisas. **Acendedor**, São Paulo, vol. 8, n. 42, 1972.

TROELTSCH, E. Church and sect. In: PARSONS, T. et al. **Theories of society**. New York: Free Press, 1961.

TSUSHIMA, M. et al. The vitalistic conception of salvation in Japanese New Religions: na aspect of modern religious consciousness. **Japanese Journal of Religious Studies**, v. 6, n. 1-2, p.139-61, march-june 1979. Disponível em: <http://www.nanzan-u.ac.jp/SHUBUNKEN/publications/jjrs/pdf/95.pdf> . Acesso em 8 jan. 2008.

WILSON, B. **Sociología de las sectas religiosas**. Madrid: Guadarrama S/A, 1970.

ⁱ Quero lembrar que a Apolo e Dionísio estão associadas, respectivamente, as ideias de ordem e desordem, racionalidade e irracionalidade, sobriedade e embriagues etc., representando condutas, comportamentos e estilos de vida opostos (Lurker, 1993).

ⁱⁱ Certamente, quando este texto for publicado, outras designações já terão surgido indicando mais movimentos dessas terapias na sua relação com a biomedicina e em busca de um lugar no mercado de bens da saúde.

ⁱⁱⁱ Boa parte desse material foi-me emprestado pela Dra. Maria Regina Cariello Moraes, a quem agradeço.

^{iv} Expressão utilizada por Canguilhem (1985, p. 85) quando trata da oscilação entre vitalismo e mecanicismo nas explicações da vida na história no campo da Biologia.